

APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA NA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL LUIZ CÂNDIDO DA LUZ

Daiana de Lima
Clarice Fortkamp Caldin

Resumo: O presente estudo buscou aprimorar o conhecimento acadêmico acerca da biblioterapia e sua disseminação na área da Biblioteconomia. O objetivo geral foi desenvolver a atividade biblioterapêutica na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, especificamente com os alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos. A revisão de literatura abordou: literatura infantil, histórico da biblioterapia, definições e objetivos da biblioterapia, componentes biblioterapêuticos, modalidades de aplicação da biblioterapia. Descreveu-se as dez sessões realizadas com a turma do primeiro ano, identificando o alcance dos objetivos. Concluiu-se que as atividades de biblioterapia contribuíram para o desenvolvimento das crianças da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, proporcionando envolvimento com vários tipos de textos literários. As crianças também puderam realizar atividades de recreação que permitiram uma interpretação mais ampla dos textos utilizados, auxiliando no estímulo à criatividade.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Biblioterapia. Componentes biblioterapêuticos.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo relata uma experiência da acadêmica, orientada por uma professora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, em trabalho de conclusão de curso. Valendo-se de pesquisa bibliográfica, descritiva e de campo, realizou atividades de biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, localizada em Florianópolis, com uma turma de 25

alunos do 1º. ano do ensino fundamental, na faixa etária de 6 e 7 anos.

Em fevereiro de 2012 a acadêmica contatou a responsável pela Intuição a fim de obter autorização para a execução das atividades propostas. Ao obtê-la, selecionou a turma, iniciou seu trabalho de pesquisa de campo em março e o concluiu em maio deste ano. A atividade biblioterapêutica foi realizada no ambiente escolar, onde as crianças passam a maior parte do tempo longe de casa e de seus familiares.

Acreditou-se que as sessões de leituras de histórias infantis e atividades lúdicas complementares seriam benéficas a esse público-alvo. Para tanto, listou-se como objetivos específicos do projeto: possibilitar a catarse; favorecer a identificação com os personagens ficcionais; estimular a criatividade e a imaginação; proporcionar lazer e diversão; favorecer o riso, tendo como auxílio, atividades lúdicas que estimulam os efeitos terapêuticos.

O propósito do artigo é relatar tal experiência, divulgar os efeitos benéficos da leitura e incentivar a implementação da biblioterapia nas escolas.

O artigo foi estruturado de forma a contemplar Literatura infantil, Biblioterapia, Relato das atividades, Análise das atividades, Considerações finais e, por último, as Referências utilizadas como embasamento teórico.

2 LITERATURA INFANTIL

A arte de contar histórias nasceu a partir do momento que o homem sentiu a necessidade de comunicação. Ele precisava transmitir suas experiências e suas conquistas para que os outros também pudessem desfrutá-las.

A oralidade, associada à memorização, configurava-se como o principal meio disseminador das narrativas.

O desenvolvimento da imprensa na Europa, no século XV, valorizou o registro escrito; todavia, voltava-se para o público adulto.

“As primeiras obras publicadas visando o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVII.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p.15).

Muito embora tivessem a intenção de passar valores morais, tais histórias também instigavam a fantasia e a imaginação.

Lajolo e Zilberman (1999) relatam que no século XVIII, com a ascensão da burguesia na sociedade europeia, começou-se a investir na Educação Infantil, pois percebeu-se a criança como um ser diferente do adulto, com determinadas necessidades e especificidades. E a literatura infantil mostrou-se um meio para um fim, ou seja, preparar a criança para as exigências da vida adulta. Assim, a partir do século XVIII, houve um aumento considerável de publicação de histórias para as crianças.

Entretanto, foi somente no século XIX que se definiu com maior segurança os tipos de livros que mais agradam ao público infantil. Para Lajolo e Zilberman (1999, p.21), todos os autores da segunda metade do século XIX confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista.

No Brasil, o “Boom” da Literatura Infantil aconteceu com o escritor Monteiro Lobato na sua obra *Sítio do Pica Pau Amarelo*. “Ele não escreveu apenas livros para as crianças, mas criou um universo para elas.” (CARVALHO, 1989, p. 133).

Monteiro Lobato ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, que constitui aproximadamente a metade da sua produção literária.

Segundo Coelho (1991, 2000, 2006) Lobato é considerado o divisor de águas da literatura infantil no Brasil, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples em que realidade e fantasia estão lado a lado, inaugurando o realismo mágico, tão apreciado

pelas crianças. Assim, Coelho (1991, 2000, 2006), divide a literatura infantil e juvenil brasileira em três períodos: pré-lobatiano (1808-1919), marcado sobretudo pelas traduções e adaptações de livros estrangeiros, e livros didáticos/ informativos; lobatiano (1920-1969), fecunda produção literária do autor; pós-lobatiano (1970 até nossos dias), com o surgimento de escritores preocupados em atrelar a literatura infantil com o Brasil contemporâneo.

Desse último período, pode-se citar Ruth Rocha, Eliardo e Mary França, Ana Maria Machado, Chico Buarque, Ziraldo, Regina Mariano, Vinícius de Moraes, Cecília Meirelles, entre outros autores da literatura infantil brasileira, que merecem destaque por representar a literatura tão bem, de forma atraente, lúdica e criativa.

No ambiente escolar é fundamental a realização de leituras para as crianças de uma maneira prazerosa. O professor, em parceria com o bibliotecário, pode criar oportunidades criativas ao realizar atividades de incentivo à leitura. Para tanto, nada melhor que valer-se da literatura infantil, que permite, graças à linguagem metafórica, variadas interpretações.

3 BIBLIOTERAPIA

Para compreender o alcance do vocábulo biblioterapia se faz necessário voltar às origens do termo. Segundo Ouaknin (1996, p. 11), tal vocábulo é composto de duas expressões de origem grega, *biblio* e *therapeia*, que, unidas, fornecem o significado de “terapia por meio de livros.” Essa seção apresentará um breve histórico, definições e objetivos da biblioterapia, os componentes biblioterapêuticos, e as modalidades de aplicação da biblioterapia.

3.1 Histórico

Desde os primórdios o ser humano vale-se de histórias e de livros como forma indolor de remédio para resolução de problemas, muito embora não lhe atribuindo o nome *biblioterapia*.

Cruz (1995, p. 13) esclarece que as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “Casas da vida”; entre os romanos do primeiro século encontram-se registros de estímulo ao uso da leitura e discussão de obras como forma terapêutica; na abadia de São Gall, na Idade Média, havia a inscrição “Tesouro dos remédios da alma”; os gregos, também, fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma”.

Assim, egípcios, gregos e romanos viam a leitura como um tratamento e mesmo na Idade Média, com poucos livros circulando, já se percebia os benefícios da leitura.

Caldin (2010, p. 13) explicita que “desde o século XIX, nos Estados Unidos da América se utilizava leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente.”

Entretanto, com o nome específico de *biblioterapia* a partir do século XX, ficou conhecida a leitura compartilhada e a posterior discussão em grupo; no Brasil a produção bibliográfica tem apontado a Biblioteconomia como área atuante na biblioterapia, seguida pela Psicologia (CALDIN, 2009).

Cabe lembrar que o termo biblioterapia foi utilizado por Samuel Mc Chord Crothers em 1916, sendo ele um dos primeiros a mencioná-lo (ORSINI, 1982).

A partir da década de 1930, a biblioterapia firmou-se definitivamente como um campo de pesquisa. Nesse período, destacaram-se Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que “insistiu para que a biblioterapia fosse estudada de uma maneira científica.” (ORSINI, 1982, p. 143).

Segundo Orsini (1982), em 1949 Sofie Lazarfeld publicou um artigo intitulado “O uso da ficção na psicoterapia”, no qual eram descritas as reações dos pacientes diante do texto indicado. Esse trabalho serviu para ressaltar a necessidade de uma auto-análise para qualquer pessoa que pretendesse trabalhar com a biblioterapia.

A citação mostra a ligação entre biblioterapia e psicanálise. Mas a biblioterapia pode ser aplicada tanto num processo de desenvolvimento pessoal, educacional, como num processo clínico-terapêutico.

A pioneira em analisar cientificamente a biblioterapia e obter o título de Ph D. foi Caroline Shrodes, em 1949, com o trabalho *Bibliotherapy: a theoretical and clinical- experimental study*; o segundo Ph D. no assunto foi Esther A. Hartman no ano de 1951; outro momento a destacar foi quando Artemísia J. Junier fez um estudo exaustivo sobre o assunto abarcando o período de 1900 a 1958 (ORSINI, 1982). Isso indica o interesse que a biblioterapia vinha despertando entre os pesquisadores.

No Brasil, Angela Maria Lima Ratton publicou o artigo *Biblioterapia*, em 1975 ressaltando os efeitos benéficos da leitura espontânea e dirigida, nas escolas, hospitais, prisões, na profilaxia e cura de problemas psicológicos (CALDIN, 2001b).

Nas décadas de 1980 e 1990 aumentaram os estudos acerca das questões teóricas da biblioterapia, com a publicação de artigos e defesas de dissertações de mestrado, relacionadas à área no Brasil.

É importante ressaltar que, devido ao fato de a biblioterapia ter se desenvolvido no ambiente dos hospitais e clínicas de saúde mental, a mesma foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento. O seu caráter preventivo foi descoberto logo em seguida, sendo aplicado junto a crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários, em trabalho multidisciplinar.

Quando se trata de escolas, é bom lembrar que bibliotecários e professores são parceiros na grande empreitada que é educar as crianças.

A biblioterapia, além de educar, tem a ver com o sentir e o criar. Assim, cabe explicitar os vários sentidos do termo *biblioterapia* e apontar alguns de seus objetivos.

3.2 Definições e objetivos

É difícil separar definições e objetivos da biblioterapia, uma vez que se complementam.

A biblioterapia foi definida pela primeira vez no Dorland's Illustrated Medical Dictionary, em edição de 1941, como o emprego de livros, através de literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais (RATTON, 1975).

Observa-se, na citação, que inicialmente se pensava na biblioterapia apenas para doentes mentais.

De acordo com Ratton (1975), o Terceiro Novo Dicionário Internacional de Webster definiu biblioterapia como utilização de material selecionado de leitura para atuar como coadjuvante da medicina e da psicologia, e, também, como leitura dirigida a fim de solucionar pequenos problemas pessoais.

Percebe-se que foi alargado o uso da biblioterapia para todas as pessoas, além de apontar a importância da leitura dirigida.

Ouaknin (1996) esclarece que a palavra terapia, do grego *therapia*, tem o sentido de velar pelo próprio ser. Para esse autor, o termo é bem abrangente, pois indica cuidar do ser humano.

Caldin (2010) explicita que a palavra terapia, tanto no grego como no hebraico, tem o sentido de atitude preventiva. O terapeuta significava aquele que cuida, e os primeiros terapeutas foram os

filósofos – cuidavam do corpo e do espírito. Ocupavam-se do corpo e do sopro da vida que anima o corpo.

Assim, para Caldin (2010), a biblioterapia se configura como um cuidado com o ser total, mediante a leitura, narração ou dramatização de histórias; destaca, ainda, a importância do diálogo posterior à apresentação da história.

É depois da leitura, narração ou dramatização que acontece a interação com as pessoas, pois a conversa permite que cada um expresse seus sentimentos. O bibliotecário pode ajudá-las, nesses momentos, com algumas palavras de carinho e demonstração de afeto, mostrando-lhes que não estão sozinhas no enfrentamento de seus males.

Pode-se listar outros objetivos da biblioterapia: a possibilidade de sentir experiências sem a necessidade de vivenciá-las; a compreensão de problemas sociais de diferentes épocas; a diversificação de interesses e a liberdade de escolha; o acesso a informações sobre costumes de outras regiões; a amplitude da visão e do conhecimento de diversos pontos de vista; o aumento da auto-estima e a diminuição da timidez; o clareamento dos problemas difíceis de serem conscientizados pelo indivíduo; o desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis; o estímulo à criatividade; a facilitação da participação na vida comunitária; a satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais; a aquisição de conhecimentos para a vida profissional, e o desenvolvimento da capacidade de crítica (RATTON, 1975).

Percebe-se, nesse rol de benefícios da biblioterapia, que as obras literárias são as indicadas para que os mesmos sejam alcançados, pois a literatura tem o poder de libertar sentimentos e emoções. Livros didáticos ou informativos não atingiriam os objetivos da biblioterapia, pois apresentam linguagem técnica e utilitária.

3.3 Componentes biblioterapêuticos

De acordo com Caldin (2001a) são componentes biblioterapêuticos: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

O primeiro elemento a ser apresentado é a catarse e talvez o mais significativo. Segundo Caldin (2001a) a catarse é um elemento despertado em quase todas as histórias; originalmente atribuída apenas à tragédia, por Aristóteles, hoje se entende que seu alcance atinge qualquer gênero literário. A catarse, é, de fato, uma purgação. Por isso a autora afirma que os contos de fadas são os mais indicados, pois contém personagens como o lobo, a bruxa, o ogro que causam medo e que, ao serem vencidos, causam alívio ao leitor ou ouvinte.

Por esse motivo, é que certos textos considerados assustadores pelos adultos não causam malefícios às crianças; ao contrário, ajudam-nas a extravasar o medo e a purgar as emoções.

O segundo componente biblioterapêutico é o humor. Caldin (2001a, p.38) afirma que “Ao buscar em Freud apoio teórico para a compreensão do humor, observa-se que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer”.

Assim, qualquer história que provoque o riso, é indicada nas atividades biblioterapêuticas, pois o humor é benéfico para a saúde.

O terceiro componente é a identificação. De acordo com Laplanche e Pontalis (apud Caldin, 2001a, p. 39) a identificação é um “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.”

A identificação pode ocorrer com os personagens da história, ou com a situação que contextualiza e envolve o personagem. As pessoas podem obter um alívio a partir de certas

ações das histórias, pois se identificam com as vivências de determinado personagem, suas vitórias e conquistas.

Lembra Caldin (2009, p. 171) que “nas crianças a relação de identificação é mais forte que nos adultos, haja vista que se encontram no estágio inicial de desenvolvimento social.”

Assim, as crianças se identificam mais com os personagens das histórias; imaginam-se no lugar dos próprios personagens, vivem suas aventuras quando adentram no universo ficcional.

Cabe, agora, falar na introjeção. De acordo com Laplanche e Pontalis (apud CALDIN, 2001a, p. 39) a introjeção constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica: “[...] o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. Esse é o quarto elemento dos componentes biblioterapêuticos.

O quinto elemento constitui-se na projeção. Segundo Laplanche e Pontalis (apud CALDIN, 2001a, p. 39) a projeção é, “[...] no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que lê, desconhece, ou recusa nele próprio”.

A introjeção e a projeção derivam-se da identificação, são inconscientes. Isso quer dizer que a pessoa ora apreende qualidades dos personagens, ora despeja no personagem ficcional o que considera serem defeitos.

O sexto componente biblioterapêutico é a introspecção. Para Caldin (2010) a introspecção é considerada terapêutica quando o sujeito muda o seu jeito de ser, ao verificar que as atitudes do personagem são parecidas com as suas, e que tais atitudes prejudicam a convivência em sociedade. Ao operar essa transformação, o leitor ou ouvinte sente-se muito melhor. Outro sentido terapêutico da introspecção acontece quando o leitor ou ouvinte percebe, por meio dos personagens, que ele não é o único a ter defeitos. Ao reconhecer

que todos têm defeitos, o sujeito aceita-se melhor e também passa a entender melhor os outros.

3.4 Modalidades de aplicação: leitura, narração, dramatização

A leitura é indispensável para o desenvolvimento do ser humano. Isso implica na afirmação de que a leitura não se configura como o mero decifrar de um código escrito, mas como um processo que permite ao indivíduo extrair conteúdos e dar vazão a múltiplas interpretações.

Leffa (1996) aponta que a leitura é vista como um processo a) de extrair o sentido do texto, b) de inserir sentidos ao texto, c) de interagir com o texto.

Dessa feita, a leitura é um ato, pois tem, implícita, uma intencionalidade. Ou, em outras palavras, todo leitor tem um objetivo.

Por meio da leitura e de atividades lúdicas, é possível construir um processo interativo de valores, ações e sentimentos, voltado à harmonia e equilíbrio do crescimento e desenvolvimento pessoal (CASTRO; PINHEIRO, 2005).

As autoras apontam a ligação entre leitura e atividades lúdicas. Se for apresentada como um jogo, a leitura será prazerosa.

É como um jogo que a leitura, na biblioterapia, é oferecida às crianças. O material ficcional é selecionado de forma a proporcionar a catarse, a identificação, a introspecção ou o humor, de forma benéfica e divertida.

Além da leitura, uma forma divertida de exibir um texto literário é a narração.

Narrar histórias é uma das artes mais antigas do mundo e se constitui, também, em uma modalidade da biblioterapia.

Segundo Fleck (2007, p. 219),

Desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias e prazeres de sua existência.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIM, 1994).

Ao contar uma história, o narrador desempenha várias funções. Tem que apresentar os personagens, a sequência dos fatos, descrever o ambiente em que eles se passam, explorar os mínimos detalhes, transmitindo isso de uma forma natural ao leitor/ouvinte.

O narrador é o intermediário entre a narrativa e o ouvinte. Ele coloca o universo ficcional diante dos olhos do leitor. Cabe lembrar que as habilidades de um narrador são aprimoradas com o tempo e a prática. Assim, o bibliotecário que executar a biblioterapia por meio de narração de histórias tem de atentar para o fato de que é necessário gostar de ler, conhecer bem o texto literário, preparar-se de antemão e apresentar a história com emoção, mas sem exageros, de forma natural.

Uma outra maneira de aplicar a biblioterapia com crianças é a dramatização.

A palavra “teatro” deriva dos verbos gregos “ver, enxergar”, “perceber”; de acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função e mostrar o comportamento social e moral, por meio da aprendizagem de valores, pautada no relacionamento entre as pessoas (ARCOVERDE, 2008).

Muito embora tenha função social, o teatro desempenha importante função lúdica, que não deve ser desprezada. O teatro pode e deve ser usado como função terapêutica, auxiliando na apreciação

das histórias e proporcionando uma interação maior com os personagens.

“O dramatizar, isto é, a arte de representar, não prescinde do texto literário. O teatro traduz em palavras o que estava escrito”, os “personagens falam e agem conforme o texto que o autor montou, pois, para passarem a mensagem do poeta, necessitam do enredo – que significa texto escrito.” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p.401).

Dessa maneira, o enredo deve propiciar ao espectador o sentimento do belo aliado à performance dos personagens; deve cativar, emocionar, envolver o público de tal maneira que propicie a catarse, a identificação, a introspecção ou o riso, componentes biblioterapêuticos.

Arcoverde (2008) mostra a importância de uma boa estrutura da peça teatral, principalmente a destinada ao público infantil, em que texto e diálogo obedecem a uma lógica e as ações dos personagens são bem articuladas. Ressalta que o teatro precisa ser levado à sala de aula como obra de arte.

Assim, o bibliotecário deve se esmerar quando utilizar a dramatização nas atividades de biblioterapia. Deve buscar parceria com os professores e com os próprios alunos, pois a arte de imitar agrada ao ser humano e produz prazer.

4 RELATO DAS ATIVIDADES

Ao começaram as aulas na rede municipal de ensino, em 2012, a acadêmica entrou em contato com a direção da Escola para ver a possibilidade de realizar as atividades de biblioterapia com alguma turma do primeiro ano. Encaminhou o projeto e a declaração da professora orientadora e obteve autorização da Instituição. A seguir, definiu a turma a ser contemplada pelo projeto de leituras

com finalidade terapêutica. Cabe esclarecer que a acadêmica optou por ler e narrar as histórias.

No dia 02/03/12 realizou-se o primeiro encontro de biblioterapia. A história escolhida para dar início à atividade foi “A festa no céu”, autoria de Ângela Lago. Narrou-se a história com o auxílio do livro que era muito bem ilustrado; a acadêmica mostrava as imagens de cada acontecimento, o que agradou ao público-receptor. As crianças mostravam-se atentas e tinham urgência em saber o desfecho da história. Após a narração, foi entabulado um diálogo, permitindo a expressividade. A atividade lúdica proposta foi que elas desenhassem seu animal de estimação ou algum personagem da história que tenha agradado ou chamado sua atenção por algum motivo. Nesse encontro foi observado que a turma é bem participativa, demonstrando grande interesse pela história e pela atividade desenvolvida. O diálogo e os desenhos mostraram como a história narrada despertou a imaginação das crianças e mexeu com suas emoções.

No dia 09/03/12 aconteceu o segundo encontro; as crianças estavam eufóricas na sala de aula, aguardando a hora da história. O conto escolhido foi “Os três porquinhos”, autoria de Patrícia Amorim. Muitas disseram que já conheciam a história, mas queriam ouvi-la novamente, porque gostavam muito. Depois da narração, foi realizada a atividade de colorir desenhos de porquinhos e cantar a música do lobo mau. Observou-se que as crianças usaram a imaginação para colorir os desenhos e, também, como a música foi catártica. Observou-se, ainda, a dificuldade de socialização de algumas crianças, que não interagiam com o grupo.

No terceiro encontro, 16/03/12, a acadêmica chegou à sala de aula e, como o dia estava muito bonito, propôs que a leitura fosse realizada no pátio, embaixo de uma árvore. Todas as crianças gostaram da ideia e, em fila, se dirigiram para lá. O texto escolhido foi “Eu não quero tomar banho”, autoria de Julie Sykes, história

divertida que favorece o riso e incita a brincadeiras. Como o livro possui ilustrações cativantes, a acadêmica valeu-se desse recurso visual durante a narração. As crianças ficaram curiosas para ver os bichos que apareciam em cada página. A história rendeu muitos comentários. Terminada a história, a narradora convidou as crianças para brincar de *a galinha chocou*. Todas ficaram animadas e fizeram a roda para a brincadeira. Cantaram e se mostraram animadas e participativas. Nesse encontro pode-se observar a presença do humor, do afeto e da identificação com os personagens.

No quarto encontro, que aconteceu no dia 30/03/12, a história escolhida foi “João e o pé de Feijão”, autoria de Cristina Marques. O texto apresentado permitiu que as crianças refletissem sobre a fome e a avareza, o que foi percebido nas conversas posteriores à história. A atividade lúdica proposta foi que todas desenhassem algum personagem da história. Todas gostaram da ideia e assim foi feito. Nesse encontro foi detectado o componente da catarse; as crianças ficaram aliviadas ao saberem que o gigante morreu e que João conseguiu dinheiro para comprar comida para ele e sua mãe. No final da história, quando a narradora disse que João e sua mãe viveram felizes para sempre, todas bateram palmas, demonstrando alívio.

O quinto encontro aconteceu na semana da páscoa, 04/04/12. Como não haveria aula na quinta e na sexta, foi antecipada a sessão de biblioterapia para quarta-feira. As crianças estavam animadas para a páscoa. A história do dia foi “Adivinha quanto eu te amo”, autoria de Sam McBratney, que mostra a importância do amor de uma forma divertida e não didática. A atividade lúdica proposta foi que cada uma pintasse um ovinho de plástico: a acadêmica comprou os ovinhos e amendoins cobertos de açúcar para colocá-los dentro dos ovos. Nesse encontro percebeu-se o poder de imaginação das crianças, o carinho que é sempre constante, e a identificação com os personagens.

O sexto encontro aconteceu no dia 13/04/12. Foi um dia muito tranquilo; as crianças já estavam em sala quando a acadêmica chegou. Todas foram sentar no tapete para ouvir a história. Primeiramente a narradora perguntou se elas já tinham escutado “O Rei Bigodeira e sua banheira”, autoria de Audrey Wood e todas, sem exceção, disseram que não. Durante a narração, o humor foi constante: as crianças deram boas risadas quando os demais personagens da história chamavam o rei para sair da banheira e ele se recusava a fazer isso; realizava todas as atividades reais dentro da banheira. A atividade proposta depois da história foi que cada criança usasse a imaginação para criar algum desenho com a massinha de modelar.

O sétimo encontro aconteceu no dia 20/04/12. Quando a acadêmica chegou à sala, as crianças já estavam sentadas no tapete. O texto selecionado foi “Uxa, ora fada, ora bruxa”, autoria de Sylvia Orthof. Foi perguntado se elas já tinham escutado essa história e todas disseram que não. O texto permitiu refletir sobre a instabilidade comportamental do personagem, e, por consequência, da instabilidade de cada um de nós. Mesmo reflexivo, não pendeu para o didatismo, mas abordou o assunto de forma divertida. Após a contação, a acadêmica deu início à atividade lúdica do dia. Foi distribuída uma folha para cada criança, com um desenho de bruxa, sem o rosto; cada criança criaria um rosto para sua bruxa. As crianças então desenharam lindas bruxinhas, associando a beleza com a bondade, paradigma cristalizado na sociedade ocidental e difícil de ser removido.

O oitavo encontro foi no dia 27/04/12. Nesse dia as crianças estavam muito agitadas. Quando a acadêmica chegou à sala de aula, foi necessário algum tempo até todas estarem prontas para ouvir a história, que foi “Quem sou eu?”, autoria de Larrissa Batista. O livro, de dobraduras, encantou, pois os animais saltam das páginas, como se tivessem vida. Isso permitiu que as crianças se soltassem para

expressar preferência por um ou outro, comentando, inclusive, sobre seus animais de estimação. Ao final da história a narradora passou o livro de aluno a aluno mostrando as gravuras. A atividade realizada após a contação foi um jogo da memória. Nesse encontro pôde-se observar o fortalecimento de afeto entre a acadêmica e as crianças.

O nono encontro aconteceu no dia 04/05/12. Nesse dia, as crianças tiveram a oportunidade de escolher entre duas histórias: “Chapeuzinho Amarelo” e “A verdadeira história dos 3 porquinhos”. Foi realizada uma votação para decidir a história do dia. A maioria votou em “Chapeuzinho Amarelo”, autoria de Chico Buarque. Terminada a contação, a acadêmica perguntou às crianças do que elas tinham mais medo, o que possibilitou a expressividade. Depois da conversa, a acadêmica pediu para que as crianças voltassem para suas mesas, pois iriam desenvolver uma atividade: contornar e pintar o lobo mau. As pinturas foram as mais criativas. Nesse encontro foi observado a identificação com o personagem da Chapeuzinho, muitas crianças disseram que também sentem muito medo de alguns bichos e de dormir sozinhos. Assim, o texto permitiu que as crianças conversassem livremente sobre o medo, o que é benéfico, uma vez que extravasado, o medo pode ser vencido.

O décimo e último encontro aconteceu no dia 11/05/12. A acadêmica chegou à sala e as crianças já estavam esperando por ela sentadas no tapete. A narradora explicou que seria o último dia, iria contar a história e depois haveria uma festinha de despedida com salgadinhos, docinhos e refrigerantes. Explicou, também, que iria entregar uma lembrancinha para cada criança: um livro infantil comprado na feira do livro. A história do dia foi “Soldadinho de chumbo” (história adaptada e em 3D). Depois da contação as crianças queriam ver o livro de perto e todas tiveram acesso a ele. Ao final, as crianças, em coro com a professora da turma, cantaram: “Ado, Ado, Ado, Muito Obrigado, “Ado, Ado, Ado, Muito Obrigado.” A professora da turma agradeceu à acadêmica e disse que

iria sentir sua falta. A narradora disse então que queria agradecer também. Agradecer às crianças por terem feito parte do trabalho dela, proporcionando momentos de alegria e pelo carinho que recebeu de todas, que foi uma diversão estar com elas. Agradecer à professora também por ter apoiado o trabalho e auxiliado a acadêmica em dias mais agitados. E que toda a turma estaria guardada no seu coração.

5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Os dez encontros realizados com as crianças permitiram que as mesmas tivessem contato com diversos tipos de textos literários e atividades lúdicas, o que foi prazeroso para elas.

Pôde-se observar que as reações das crianças em relação às histórias contadas foram as mais diversas em cada encontro, mas a alegria esteve presente em todos.

É interessante ressaltar que do primeiro ao último encontro foram nítidas as mudanças das crianças. Aos poucos, as mais tímidas se soltaram, as que não falavam muito demonstraram todo o seu afeto e satisfação pela gestualidade, as que, de início, gostavam de chamar a atenção da narradora e dos colegas, começaram a ceder espaço aos demais e a socializar.

As atividades desenvolvidas pós-contação foram voluntárias, pois a biblioterapia é, também, um exercício de liberdade. Entretanto, raras vezes uma ou outra criança se recusava a brincar, desenhar ou cantar.

O imaginário e a criatividade foram bem explorados, o que ficou evidente pelas reações das crianças após as histórias que, geralmente, faziam um comentário fantasioso sobre o enredo ou os personagens, como algo que queriam que acontecessem em relação à sua própria realidade.

Foi nítido o afeto das crianças pela acadêmica, pois quando a última se despedia, as primeiras pediam que ela não fosse embora. Isso comprova que as atividades biblioterapêuticas facilitam a aproximação entre as pessoas. O contato físico também foi muito importante, proporcionando momentos de alegria e descontração, em que as crianças ficavam mais à vontade para falar de seus problemas e também partilhar suas alegrias com a narradora e os colegas.

Pôde-se constatar que as atividades biblioterapêuticas contribuíram para que as crianças da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz se envolvessem com a literatura infantil, tivessem experiências catárticas, se identificassem com os personagens ficcionais, dessem vazão ao riso e à reflexão. As atividades de recreação permitiram uma interpretação mais ampla dos textos utilizados e mostraram que o livro e a leitura podem fazer parte das brincadeiras infantis.

A grande dificuldade encontrada pela acadêmica foi a falta de mais pessoas para auxiliarem no desenvolvimento das atividades biblioterapêuticas, pois contou somente com a ajuda da professora da turma. Esse foi um dos motivos de não ter utilizado a dramatização de histórias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades biblioterapêuticas, além de serem estimuladoras da leitura, facilitam a socialização em grupo, proporcionando momentos salutaros, como demonstrações de afeto e solicitações de ajuda para determinados males e anseios e, também, a descontração, o estímulo à criatividade, o lazer e a verbalização dos seus sentimentos.

Possibilitar a catarse, a identificação com os personagens ficcionais e estimular a criatividade e a imaginação, proporcionar lazer e diversão e favorecer o riso foram objetivos atingidos. Na hora

das histórias observou-se que as crianças demonstravam os mais variados sentimentos, de medo, de alegria, preocupação e o alívio no final das histórias por saberem que tudo terminou bem.

As crianças proporcionavam muitos momentos bons à acadêmica, que sentiu o afeto da turma. E a situação de lidar com 25 alunos também foi gratificante; aprender a conviver com uma turma e com as crianças individualmente foi uma experiência adquirida com satisfação.

Esses dez encontros com a turma do primeiro ano desenvolvendo as atividades biblioterapêuticas foi um grande aprendizado para a acadêmica, que além de gostar de livros e de crianças, pôde vivenciar os benefícios da biblioterapia. Foi com imenso prazer que exerceu, por meio da leitura e da contação de histórias, uma atividade que visa contribuir para a alegria das pessoas, nem que seja por um momento – a biblioterapia.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. *A importância do teatro na formação da criança*. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2012.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Biblioterapia: um cuidado com o ser*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Leitura e terapia*. Florianópolis. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses.PLIT0342-T.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001a. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14701204.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *A poética da voz e da letra na literatura infantil: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)*. 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001b.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 6. ed. São Paulo: Global, 1989.

CASTRO, Raquel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. *Biblionline*, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/586/424>> Acesso em: 13 maio 2012.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*.

São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4 ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

CRUZ, Maria Aparecida Lopes da. *Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescentes de periferia*. 1995. 190 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 1995.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador e histórias: uma nova profissão? *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 23, p. 216-227, 1º. sem. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2007v12n23>> Acesso em: 12 maio 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto alegre: Sagra-D.C. Luzzatto, 1996.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/276/69>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. *Comunicações e Artes*, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Trad. Nicolas Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.2. p.198-214, set.1975.

APPLICATION OF BIBLIOTHERAPY IN THE PRIMARY SCHOOL HALL OF LIGHT LUIZ CÂNDIDO DA LUZ

Abstract: *This study aimed to enhance academic knowledge about bibliotherapy and your dissemination in the field of librarianship. The overall goal was to develop a bibliotherapeutic activity in the Municipal Primary School Luiz Candido da Luz. Specifically with first-year students, aged 6 and 7 years.. The literature review addressed: Children's Literature, History of Bibliotherapy, Definitions and Goals of Bibliotherapy, Bibliotherapeutic Components and Modalities of Implementation of the Bibliotherapy. Wers described all ten sessions with the first year class, identifying the reach of the objectives. It was concluded that bibliotherapy contributed to the children of the Municipal Primary School Luiz Candido da Luz, providing involvement with various types of literary texts. The children were also able to perform recreational activities that allow a broader interpretation of the texts used, in aiding of the stimulus to creativity.*

Keywords: *Children's Literature. Bibliotherapy. Bibliotherapeutic Components.*

Clarice Fortkamp Caldin – clarice@cin.ufsc.br

Doutora em Literatura. Mestre em Literatura. Especialista em Organização e Administração de Arquivos. Bacharel em Biblioteconomia. Professora no Curso de Graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Daiana de Lima – daianadelima@yahoo.com.br

Bibliotecária. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012).

RECEBIDO: 30/08/2012

ACEITO: 21/09/2012